

OSÓRIO E A POLITICA

“Eu admiro o General Osório, ainda mais como político do que como General”. — *Dr. Martinho de Campos.*

“Desde essa época, sintomas graves de indisciplina foram se reproduzindo e generalizando. Acalmaram sob o ministério de Sinimbu em 1878 e 1879, graças ao prestígio do legendário Osório, mas elle, o intemerato e avisado, bem os sentia latentes, advertindo ser arriscado desprezá-los”.

(Visconde de Ouro Preto — Ad. da Diet. Mil. no Brasil).

Pelo Cel. *J. B. MAGALHÃES*

PREÂMBULO

A matéria d'êste artigo é ainda um capitulo de um livro que compozemos sobre Osório, um dos maiores vultos do nosso passado monarchico. (*)

Foi elle, ao que supomos, uma das personagens mais dignas de serem profundamente estudadas, no quadro da formação histórica brasileira, dadas as peculiarissimas condições em que decorreu a sua existência e as qualidades superiormente humanas, que revelou sob todos os pontos de vista: físico, intelectual e moral. Olhado como homem, como militar e como politico, Osório é um tipo de escôl do mais elevado quilate, cujo esplendor mais nos admira se o sabemos ver nos cenários de sua época, vivendo no seu ambiente.

Não pretendemos, no livro de que vamos dar a conhecer uma passagem, haver esgotado o assunto. Sabiamos de antemão que nos cacia competência para isto. Mas nos empolgou a magnificência da matéria e nos sustentou a ousadia, a idéia de despertar o interesse de quem abalizado que o fizesse.

Em artigo publicado no Jornal do Comércio, no último domingo de maio, procuramos estabelecer uma sintética apreciação d'esse vulto eminente da monarchia, divulgando do mesmo passo uma coleta de documentos seus, por onde se vê a imensa cultura que pode adquirir o homem de poucas letras.

(*) Ver os números 375 e outros — de 1945.

O êxito obtido por esta primeira antecipação da nosso estudo animou-nos a divulgar pelo mesmo órgão de publicidade e por esta revista outras passagens do referido livro, entre as quais uma espécie de paralelo entre Osório e Caxias. Hoje tomamos por tema, o sedutor aspecto que a tanta discussão tem dado lugar: — a política.

Ao iniciarmos, permitir, leitor, fazer-vos um pedido. Ao ler-nos, deveis abstrair o indivíduo que vos fala e projetar os fatos que forem mencionados nos quadros do passado, da época em que nosso herói pensou, sentiu e agiu, com seus peculiares matizes: político, social e económico.

É projetado nesse fundo de quadro que deve ser visto o nosso herói, jamais, porém, sem risco de êrro ou de insuficiência, poderemos deixar de apreciá-lo em bloco, sem que se pretenda vê-lo despojado de sua qualidade de militar ou isolado de seu feitio de homem, pois, principalmente o que há nele mais a admirar é ter sido político e militar, simultaneamente e distintamente, mas, principalmente um homem de seu tempo, cuja norma de conduta era ditada por um patriotismo profundo, sem nuances, nem máculas.

Na família, na política ou na milícia, o que se deve vêr em Osório, antes de mais nada, é o homem, revelando, por suas atitudes e procedimentos, excelsas características de peregrina inteligência, coragem sem destempêro, bondade sem fraquezas, persistência tenacíssima, desambição de tudo que em outros estimulam a vaidade e o orgulho, ou o mero espírito de cobiça, e, notadamente, êsse amor da pátria que não regateia sacrifícios, o qual, vencendo sua modéstia, o obriga a aceitar posições destacadas que as circunstâncias lhe vão impondo.

Isto pôsto, começaremos por lembrar-vos a opinião do Dr. Martinho Campos, o ativo político mineiro a seu respeito. Para êle, Osório era político maior do que fôra general.

Bem pode ter razão, o velho liberal mineiro.

Osório era mais uma vocação política do que militar, ousamos dizê-lo, por extranho que possa parecer uma tal afirmativa a respeito de quem tanto se distinguiu no conhecimento da guerra e na ação nos campos de batalha. Entrou para a carreira das armas para satisfazer a vontade paterna, mas na politica penetrou espontaneamente.

A causa da independência entusiasmou-o e foi ela que lhe deu o sentido profundo da profissão militar, desde o momento em que jurou defender a Pátria, com as armas na mão.

Sem êsse sentido profundo do dever patriótico talvez houvesse sido êle um mau soldado. Admitindo-o, desde seus verdes anos, guiarse-á por êle durante tôda a sua carreira, tanto militar como politica. Também nesta, como na da sarmas, o que mais lhe importa é a fi-

idade geral, o bem da Pátria, obtido pelo progresso dentro da ordem, num ambiente de liberdade e verdade.

Compreendendo assim o papel das armas e o da política, realiza o milagre de poder exercer uma e outra função, a militar e a política, sem confundí-las jamais, sem servir-se de uma para atuar na outra. Não confunde-as de fato, em sua finalidade máxima, mas separa-as na aplicação dos meios que a uma e outra são próprios. Isto pode obtê-lo o milagre pôde realizá-lo, apresentando talvez o caso único da nossa história, que a esse respeito se conhece. É o fruto apenas de sua natureza de escôl, dotada de grande inteligência e de grande coração, de excepcional equilíbrio, e com caráter forte. Inteligência, bondade, coragem, firmeza, tenacidade, modéstia, desinteresse, dedicação e desambição, tudo resume no conjunto feliz de sua marcante personalidade.

De resto, não foi Osório *militar político* por exceção. Quase todos os generais, na Monarquia, eram políticos, a começar por Caxias, *espada do partido conservador*, não obstante Cotegipe, um dos chefes desse partido, ter confessado horror às espadas políticas. O ambiente de todo o Brasil na época em que Osório e Caxias viveram era marcado predominantemente pelos problemas políticos da organização nacional, análogamente ao que ocorria com os países vizinhos, onde soluções exigiam freqüentemente o recurso da força.

Em nenhuma outra parte, porém, tais características da época se acentuavam que no Rio Grande do Sul. Aí, no dizer do General Tibúrcio, então Tenente-Coronel, era "quase impossível deixar-se de fazer política; os antecedentes da Província; a índole da gente; tudo convidava".

Na carreira política, como na militar, o êxito de Osório foi considerável, enorme, e parece resultar principalmente — é curioso constatar — de seu desinteresse pelas posições, por ver suas idéias predominarem, movimentadas pelos outros. Compraz-se com isto. Contenta-se em escolher entre os seus concidadãos aquêles que serão, ou possam ser, capazes disso, e os ajuda a subir. Algumas vezes errou na escolha. Não muitas. Mas jamais desanimou porque sabia que os homens são assim mesmo... Mas o prestígio crescente de sua personalidade, dando-lhe cada vez maiores responsabilidades, acabou impôr-lhe posição do maior destaque e, acertadamente, se a morte não houvesse colhido nesse momento, é bem possível que ainda mais se houvesse elevado no cenário político nacional. E nesse caso, como nos outros anteriores, sem que disputasse para si a posição de relêvo.

Osório militou na corrente mais avançada da política monárquica liberal, mas, espírito objetivo e prático, sem nenhuma ânsia de poder e sempre pessoalmente desambicioso, nada vaidoso, jamais deixou levar pela exaltação dos seus próprios ideais e tendências

como soube também evitar sempre a impureza das misturas e combinações adrede arranjadas mais para a satisfação de fins pessoais momentâneos, que para a satisfação de interesses gerais duradouros.

A CARREIRA

Ingressou nas organizações políticas do país, muito jovem ainda. Tenente, de 23 anos de idade, "nos intervalos de suas expedições fronteiriças, filiou-se em Rio Pardo ao partido liberal constitucionalista, cujos paradigmas eram o Senador Vergueiro e Evaristo da Veiga". Filiou-se, portanto, à corrente que no Rio de Janeiro fundara Evaristo da Veiga, visando salvar os frutos da revolução de 7 de abril de 1831, que firmava a nossa independência e evitava os excessos que levavam prematuramente até à República. Era a corrente prudentemente progressista e amiga de métodos moderados. Osório inscreveu-se na Associação Defensora da Independência. Mostrou-se fiel a essas idéias toda a sua vida.

Que atividades desenvolveu depois?

Inicialmente não são visíveis os sinais dessa atividade. Aparecem, porém, cerca de cinco anos depois.

É, então, o longo e difícil período da Revolução Farroupilha. A presidência da Província estava em mãos de *retrogrados*, o partido feito no absolutismo e que aspirava por sua volta. As atividades de opinião liberal conseguiram que essa presidência viesse ter as mãos de um deles, o Dr. Fernandes Braga, irmão do Juiz de Direito Pedro Chaves, liberal de certa influência. Ao principio tudo foi bem, mas ao cabo de algum tempo, cerca de um ano, desgostam-se os liberais porque Fernandes Braga, sob o pretexto de conciliação, praticamente faz-se protetor dos retrogrados. Forma-se oposição e irrompe a luta violenta. De reação em reação, chegam aos extremos dos insultos das intrigas, das calúnias, dos personalismos opressores. É então que os liberais se levantam e depõem Fernandes Braga. Irrompe a Revolução Farroupilha, nome derivado de um dos insultos com que os retrogrados fustigavam os seus contrários: *farroupilhas*, pobretões, anarquistas, etc.

Osório, sem hesitar, entra na *revolução liberal*, para a deposição de Fernandes Braga. Mas esta, uma vez sancionada pelo Governo Imperial, que substituiu o presidente deposto por Araújo Ribeiro para Osório está terminada, pelo que não hesita em ficar ao lado do novo presidente, sob as ordens de Bento Manuel, que assumira o Comando das Armas.

Mas a revolução continuava. O procedimento conciliador de Araújo Ribeiro também levantará suspeitas entre os mais exaltados dos quais alguns queriam ir logo até a república. De resto, a Assem

a Provincial de Porto Alegre, negando-se a dar posse a Araújo Ribeiro, agravara a situação, indo este efetivar-se no cargo de presidente perante a Câmara Municipal da cidade do Rio Grande. Criada tal situação, Araújo Ribeiro precisava conquistar as opiniões da província. Pede para isto a Bento Manuel, seu amigo, que o aconselha sobre as pessoas a quem se dirigir. Na lista dos influentes da província, Bento Manoel inclui o nome do Tenente Manoel Luiz Osório.

Araújo Ribeiro extranha: "Este Tenente é influência também"? responde Bento Manuel, bom conhecedor dos homens e do seu valor — e será a maior de todas se não morrer. Não se esqueça V. Ex. de lhe escrever".

Conhecia os homens e a Província... No entanto, quando a ação de Araújo Ribeiro começa a dar frutos, o Governo Imperial o substitui. A inépcia volta a dominar no Governo da Província. A revolução recrudescer. Faz-se francamente republicana, até separatista, se não fosse necessário para vencer.

Osório, a partir desse momento, está definitivamente separado

Por que?

Dí-lo, de uma feita, em carta ao Chefe Farroupilha Crescêncio Carvalho: "Caro patricio e amigo. Eu sou republicano de coração, mas, o estado presente de nossa Pátria, a falta de luzes que nela existe, fazem-me agir ao contrário do que sinto e por me parecer que estamos preparados para tal forma de governo". (1836).

E tinha razão. Aterrava-o o fantasma do caudilhismo, e a pouca convicção política de certos homens... Bastaria para justificar o exemplo de Bento Manuel. Substituído Araújo Ribeiro, ele, homem de valor mas muito pessoal, é desprestigiado, injustiçado e humilhado. E isto não é bastante para que se passe para os revolucionários, dando um bom exemplo de procedimento caudilhesco?

Osório, porém, não o acompanha embora também sofra injustiças. É que não serve a homens, serve a causas. Nada pode perturbar-lhe o proceder.

Nos dez anos dessa luta que devasta as belas terras do Sul, o seu prestigio cresce sempre, por seu proceder militar intemerato, reto e franco. Com isto adquire renome de bravura, de perícia e valor, ganhando amigos por toda parte.

Terminada a luta, Osório é na sua terra uma força eleitoral respeitável.

Caxias, que mandara proceder a eleições gerais para a Assembleia Provincial, à Câmara de Deputados e para uma vaga de Senador, durante a guerra, em 1845, escreve a Osório, pedindo-lhe seu apoio à própria candidatura para Senador, pela Província; não faz chapas, mas

indica suas preferências para os outros casos. Depois conclui: "Voto para Bagé e cabale forte, e deixe o mais por minha conta. Os soldados não votam para que se não diga que eu quero impor uma eleição na Província, mas os cabos, oficiais, etc., não deixam de fazer número".

Tudo correu a contento e a situação politico-administrativa da Província normalizou-se. Osório fôra eleito para a Assembléa Provincial, mas não compareceu às sessões, dedicando-se aos seus deveres militares, e tão bem que o seu regimento era tido como a melhor tropa da província.

Em 1894 há novamente eleições para deputados gerais, mas desta vez Osório recusa a ser candidato. Julga-se incompetente, sem cultura para isto, e o diz francamente, sem nenhum constrangimento. No entanto, não foge em dar, aos que lhe pedem, indicações sobre as necessidades da Província, por que mais devem bater-se. Nem foge de se interessar pelo pleito e de exercer tal influência no eleitorado que até Pedro Chaves, seu desafeto, agora aparentemente voltado a boas, pede-lhe o apóio para certos candidatos por quem se interessa. A recusa de Osório fundamenta-se numa razão que merece ser posta em foco: — não confia na sua sinceridade. E tinha razão.

Em 1852 é o Barão de Pôrto Alegre quem lhe pede o apóio para sua candidatura à senatoria, que decidira apresentar por conselho insistência de Caxias. A situação era difícil porque o intrigante Pedro Chaves, enquanto os militares batiam-se em Caseros, tramara na Côrte para se apoderar da presidência da Província. Não conseguira esta, mas fez guerra a Caxias e chegou até a tentar difamá-lo. Candidatou-se porém à senatoria. Para assegurar-se da vitória e impedir o êxito de Pôrto Alegre (e do Dr. Belo para Deputado Geral) porque temia que o Imperador escolhesse Pôrto Alegre, dado o prestígio que adquirira na campanha contra Rosas e porque sabia da proteção que lhe dava Caxias, fez *liga* para a luta eleitoral com outro chefe político, o Dr. Barcelos, de quem fôra adversário até os insultos. Desde que teve conhecimento desta combinação de caráter meramente pessoal para fazer guerra a Pôrto Alegre, de quem os riograndenses estavam orgulhosos por seus feitos e a ação que exercia no Comando das Armas e ao Dr. Belo, Vice-Presidente em exercício cuja administração também agradava, Osório decidiu-se firmamente contra a *liga* e logo começou a trabalhar.

O Barão de Pôrto Alegre pede-lhe o apóio e o dos seus amigos "para não ser derrotado, o que seria uma vergonha e entriga-se nas suas mãos. Mas lembra-lhe "que o Pedro Chaves é muito ativo e que é preciso exceder-lhe, afim de mostrarmos que êle não é tão senhor, como se supõe, desta Província. Oliveira Belo, também escreve-lhe com toda franqueza. Depois de dizer que Pedro Chaves, despeitado por não ter conseguido a nomeação para Presidente da Província e por

ter Belo a candidatura do Barão de Pôrto Alegre à senatoria, poder sujeitá-lo aos seus caprichos, *ligou-se aos adversários que vira na véspera*, pede todo o empenho para a candidatura do . Assim se dirigiram a Osório, simples Comandante de Regimento, numa guarnição da fronteira, o Vice-Presidente da Província, Oliveira Belo, e o Comandante das Armas, Marques de

diligente e inteligente Osório empenhou-se a fundo nessa campanha eleitoral, como se vê dos agradecimentos que ao ter notícia do trabalho, vai-lhe mandando o Barão. Assim, tanto este, como Oliveira Belo, foram eleitos para formação da lista triplíce e para a Câmara dos Deputados. *A liga para a guerra pessoal fôra vencida.*

Porém Pedro Chaves ganhou. Apesar do muito empenho de Oliveira Belo por Pôrto Alegre — a quem *aconselhara que se apresentasse ao Senado* — o Imperador escolheu senador Pedro Chaves, o menos votado da lista triplíce, votos que tivera, conforme proclamou Cansação de Sinimbú, na Câmara dos Deputados em 16 de julho de 1855, a pêsso de ouro!

Por que então fôra escolhido Pedro Chaves?

Os contemporâneos do fato, narra o Dr. Fernando Osório, em sua história do General Osório, o explicavam dizendo que a idéia do fato foi colocar Pedro Chaves na vitaliciedade do Senado, no dia 1 de Janeiro, para retirá-lo da Província do Rio Grande e acabar com a perniciosa influência, que tanto provocava discórdia".

Uma maneira singular de ser *moderador!* Tanto mais singular quanto, isso, ainda lhe deu o título de *Barão de Quaraim!* Mais singular maneira de exercer esse poder, quando refletimos que tudo isso foi feito em oposição ao Barão de Pôrto Alegre, ao Dr. Belo, a favor de Oliveira Belo e a Caxias!...

Por ocasião dessas eleições foi nomeado Presidente da Província João Luiz Vieira Cansação de Sinimbú, que ainda chegou a exercer a presidência de fato, o que dá maior valor às declarações que fez depois a respeito na Câmara dos Deputados. Chegou à Província com recomendação do Senador Cândido Mariano de Oliveira para Osório e logo tratou de se pôr em relações com ele.

Foram-se bem. O mesmo, porém, não ocorreu com o pessoal da Câmara que lhe fez tenaz oposição.

Fazem-se em 1853 novas eleições para a Assembléa Provincial, a qual a *liga* dispõe de maioria, mas os seus adversários, que não tinham essa circunstância, procuram compensá-la pela qualidade dos candidatos. Querem que Osório seja um deles. Este, porém, não aceita o seu nome na lista proposta e faz circular dizendo que não é candidato. Vem depois o período da expedição a Montevidéu, a que

se seguiu a deportação de Osório para São Borja, *por ciúme* que seu prestígio causara no Ministro Amaral e ao Brigadeir Francisco Felix. É então também substituído Sinimbu na Presidência da Província, primeiro pelo Vice-Presidente, Dr. Belo, depois pelo Barão de Muritiba.

Nessa oportunidade o Senador Cândido de Oliveira, em casa apresentando-lhe o novo Presidente, lembra-lhe que a nova lei eleitoral *abrindo largo campo às candidaturas legítimas, conviria que Osório se apresentasse candidato por Bagé ou por Missões. Assegurava boa aceitação no Rio, para a sua candidatura.*

Que fez Osório?

Apenas agradece a idéja, não a adota, porém. Responde que o Parlamento era para os *homens formados, que era um ignorante*, tinha seu lugar na fronteira ou no campo de batalha.

Conhecemos os grandes serviços que Osório prestou no seu comando das Missões, onde sua influência política não demorou a tornar-se incômoda aos que lhe faziam guerra e desejavam vê-lo aniquilado. É, porém, nesse período, pelo atrazo em que se encontra a região, que Osório demonstra, por sua atividade, pelo interesse que toma e esforços que faz para obter certos melhoramentos, o que entende que a ação política deve ser exercida em benefício geral e progresso moral, intelectual e econômico do país.

Opõe-se firmemente às artimanhas e arranjos dos que vêem a política apenas eleições e conquistas de posições, e promove melhoramentos reais para a sua nova zona: escolas, pontes sobre as estradas, boa justiça, etc.

Em 1856 está ainda Osório em São Borja, quando se procedeu a novas eleições, sob novo regime eleitoral, nas quais se trava o embate entre a *liga*, que é oposição, e os *governantes*.

Desde que se aproxima a época do pleito, Osório entra em atividade e faz distribuir por seus amigos uma circular em termos dignos convidando-os a esclarecer os leitores sobre as conveniências a atender na escolha dos candidatos para satisfazer o bem público. Não contenta em agir somente no distrito eleitoral que lhe corresponde trata de influir também nos outros distritos por intermédio dos amigos a quem escreve. Deu-se a eleição e a *liga* foi derrotada.

É então que o Barão de Quaraim, para vingar-se, despeita na sessão de 23 de agosto de 1856, da Tribuna do Senado, ataca seus contrários de maneira desabrida e faz a Osório graves acusações de procedimento indisciplinado e abusivo, até de apropriação indébita de dinheiro do seu regimento.

Osório, longe, na Província, de nada sabe. No Rio, porém, imediatamente aparece quem afirme que desde que elle venha a ter con-

disto, provará ser digno da reputação, que geralmente tem, de
 dos mais distintos ornamentos do nosso Exército.

O Rio Grande, um amigo de Osório faz publicar no *Diário do
 Grande* o discurso do Barão de Quaraim, em que o acusava e
 a Canabarro e outros, para que se visse como o espirito par-
 é capaz de caluniar e porque não há de faltar quem proteste.
 Barão de Porto Alegre remete a Osório a *peça infame para que
 responda como entende que a dignidade dele exige, ou, se qui-
 e a resposta seja feita na Capital da Província, para mandar-lhe
 os, pois está pronto a fazer tudo para bem de sua honra atroz-
 menoscabada.*

indignação contra o *homem funesto, o tigre do Rio Pardo*, no
 do Deputado Jacinto de Mendonça, que foi o primeiro, no Rio
 a protestar contra a infâmia do homem *que não pode tragar
 encio*, o não querer Osório ser dos seus sequazes, é grande entre
 gos dêste. Vários lhe escrevem.

esde, porém, que teve conhecimento desses fatos, não demorou
 em responder aos ataques inqualificáveis de Pedro Chaves,
 Barão de Quaraim, e Senador, com preterição de Marques de
 apesar das glórias de Caseros, e de Oliveira Belo, apesar de
 m caráter, inteligência, e ótimos serviços à sua Província!

m sua resposta, *começa Osório afirmando que, se o que disse
 Chaves tivesse de ser somente divulgado no Rio Grande não
 ponderia, porque aí ambos são conhecidos.* Depois faz o histó-
 as acusações e dá-lhes as razões. Enumera-as e as rebate. Por
 nta minuciosa e farta documentação que não deixa dúvida
 ao leitor mesmo atual. Mais tarde, o Dr. Fernando Osório
 encontra no arquivo de seu pai outros documentos corroboran-
 sua defesa que ele nem utilizara!

estes fatos mais ainda engrandecem o nome de Osório. Promo-
 Brigadeiro, em 1856, recebeu felicitações do Brigadeiro Rangel,
 compraz em dizer o prazer que tem em ser o primeiro a anun-
 e essa promoção, pois fôra ele que, havia cerca de 34 anos pas-
 lhe dera praça no Exército! E logo, a musa de que é afeiçoado
 ja em expressivo soneto de Francisco Pinto da Fontoura:

Embora mordaz língua, vil, danada,
 e si te cuspa a infâmia, embora! embora!
 teu nome a Pátria com braços decora,
 onde mais de uma vez brandiste a espada.

Valente Osório! a fronte laureada,
 essa cruz que o teu peito condecora,
 não ganhaste lá onde a intriga mora,
 si nos campos de nossa Pátria amada.

"Embalde vil calúnia a tua glória
Intente denegrir, — teu grande nome
Há de aos evos legar a Pátria história.

"E além do Prata, Osório, o teu renome
Coroado foi já d'alta vitória
Com fatos que a mentira não consome".

A política, porém, que muito poucos exercem com o mesmo espirito, para os mesmos fins e usando os mesmos processos, não deixa sossegado. Não se dá por vencida. Procura afastá-lo do campo das competições legítimas ou neutralizá-lo, por todos os meios.

Em 1857, em outubro, Ângelo Muniz da Silva Ferraz, futuro Barão de Uruguaiana, membro do partido liberal, assume a Presidência da Província. Era quando, pelas ocorrências do Prata, se organizava o *Exército de Observação*, na região do Ibicuí, do Comando do Marechal Francisco Felix, do qual devia Osório fazer parte como Comandante da Primeira Brigada de Cavalaria.

Nessa ocasião nova intriga política o envolve e ele novamente dela se desvencilha facilmente. Todavia, não desanimam os seus adversários, que procuram insinuar-se no ânimo de Silva Ferraz. Dão-lhe a entender que Osório não irá, sem criar dificuldades, assumir o novo posto. O seu procedimento, porém, sem ter mesmo conhecimento destas cousas, vai vencendo tudo.

Não obstante, sob o pretexto de que a situação no Uruguai se complica, creando para o Governo a necessidade de ter um Comandante seguro na fronteira de Jaguarão, Silva Ferraz obtem que para esse posto seja nomeado Osório. Recebe elle a noticia de seu novo posto quando elle se reunira ao Exército de Observação no Ibicuí. E com ella uma carta de Silva Ferraz, avisando-o de que amigos seus haviam rompido em opposição contra elle numa trama arranjada pela bancada riograndense na Câmara dos Deputados. Tal comunicação habilmente feita, separa-o destes seus amigos, obtendo o seu apoio. Surpreendido por estas noticias, Osório toma uma attitude de expectativa. Fica a guarda. Responde a Silva Ferraz, sem se comprometer: "Fico obedecendo da opposição que V. Excia. está soffrendo e para a qual, me dá V. Excia. não haver motivo".

"Eu sou soldado, não faço opposição ao Governo do qual é V. Excia. delegado, e, por esta mesma razão, sustento a administração, mas tudo, sem prejuizo da liberdade de opinião dos outros e sem interferir-se em assuntos administrativos, por achar isto inconveniente a sua função militar, esclarecia ainda.

Silva Ferraz, porém, certamente esperava outra coisa... Para fortificar-se politicamente havia procurado pôr do seu lado a guarda da liga, de Pedro Chaves e Barcelos, pela qual mostra escandaloso

validade, explicam a Osório, os seus amigos que romperam com oidente; e ainda tentava constituir-se chefe de *um grupo político* *feito pelos militares*.

Ora, estes, *que em política são geralmente ingênuos*, sendo raros que possuem a perspicácia de um Osório, facilmente se deixaram zir pelo inteligente e labioso Silva Ferraz.

Surge, então, uma declaração de apoio a ste, feita pelos milita-la Província, inclusive os do Exército de Observação, cujas assi-as vêm encabeçadas pela do Barão de Pôrto Alegre. Todos os ges a assinam. Levada a Osório para que fizesse o mesmo, este a-se formalmente. É o único chefe militar a ter essa atitude.

Corre célere a notícia e Silva Ferraz, a quem importava sobre-o apoio de Osório, decepçiona-se. Escreve-lhe, então, uma carta ue diz *terem lhe chegado notícias que ele é infenso à sua adminis-*

o. Não hesita Osório, já agora, bem informado por seus amigos *acionistas*, em francamente responder-lhe. Depois de relatar sem-icas o histórico das relações entre ambos e as decepções que as-*tas de Silva Ferraz foram causando no seu ânimo*, explica porque assinou a *declaração militar*. "Não assinei esse papel, diz êle, ue entendi que V. Excia. estava meu desafeto; *porque o Exér-* *que tivesse o direito de aprovar as qualidades de seu governo,* *is também para as reprovar;* e eu não desejo ao Exército de 1858 *te e crédito do de 1830 e 1831, e também, porque não conhecendo* *almente V. Excia., nem os seus atos governativos de então,* *irrisório e descrédito para mim afirmar que V. Excia. era muito* *ou mau administrador".* Depois, conclui irônico: E até creio *V. Excia. mesmo teria razão para rir-se, ao lêr a minha assinatura.* *Pode ser, porém, que eu esteja em erro, mas, nesse caso, é só* *de minha pouca inteligência".*

Não gostou Silva Ferraz da resposta, porém, muito mais abor-*os ficaram os outros generais... Os amigos de Osório, ao con-* *o; exultaram, e bem assim, os conservadores do Rio de Janeiro...* *as foi um deles e também dos que viram na designação de Osó-* *ara o Comando da Fronteira de Jaguarão, uma simples manobra* *prejudicá-lo...*

Mais uma vez, porém, o prestígio de Osório crescera em vez de *uir. Para neutralizá-lo é preciso retirá-lo da Província...*

Nomeiam-no Inspetor das Cavalarias do Norte.

Osório, então, pela primeira vez, vem ao Rio, entender-se com o *rador, cujo espírito Caxias já havia preparado com as informa-* *que lhe dera sôbre a questão, e regressa premiado e mais pres-* *o...*

Não tinham sorte os seus adversários políticos...

De regresso à Província de novo a poesia nele se inspira e de vez não se contenta em revidar-lhe a fama. O vate Antônio Rabelo da Silva profetiza-lhe o futuro:

*"Nos frouxos cantos da quebrada lira
Do soldado também Osório illustre,
Teu nome reviverá;*

*"Do povo em tradições, no pátrio bêrço,
No grato recordar de tado o Exército
Eterno soaré".*

*"Da lisonja jamais venal turíbulo
Balança a dextra que concerta em hino
Em honra da verdade;
Heróicos feitos que tua vida exornam
Têm jús a estátuas, adorações, altares
Em nossa idade".*

CHEFE INCONTESTÁVEL

No ano de 1860, Silva Ferraz é Chefe do Governo. Osório, que até aí votava nos homens, Caxias, Belo, Pôrto Alegre, Felix da Cunha etc., por seu valor pessoal, sem muito indagar se eram conservadores ou liberais, seguindo destarte praticamente a politica de conciliação que se apregoava, sentiu que era tempo de acabar com essa prática indefinida que mais servia de disfarce a ambições pessoais do que de beneficio para o país.

Pensa e inicia a organização definitiva do partido liberal do Rio Grande do Sul. Chama a si Felix da Cunha e com êle entra em ação.

Apresenta-o candidato a Deputado Geral, em contra posição a Dr. Brusque, que era pessoa acariciada pelo Governo, sem, no entanto mencionar essa circunstância. Limita-se a exaltar as qualidades de seu candidato em face das conveniências da representação da Província. E vai levando sua candidatura por diante, em meio de armadilhas que lhe procuram pôr os amigos de Brusque sem se deixar enleiar, tomando, com Felix da Cunha, tôdas as precauções oportunas à obtenção da vitória.

Não evitaram as cautelas por ambos tomadas que no Rio de Janeiro se viesse cêdo a saber que Osório apoiava Felix da Cunha com Brusque e daí choveram os pedidos a favor d'êste. O próprio Caescreve a Osório aconselhando-o a não hostilizar êsse candidato de-lhe o *obsêquio de ficar extranho à próxima luta eleitoral, por as razões que possui*. . . Osório, porém, não recua. Via nisto a ação do *partido liberal*.

Trava-se a luta, realiza-se o pleito e Brusque é derrotado por Felix da Cunha, apesar do apôio e preferência officiais.

A atitude que Osório adota depois desta vitória, define-o bem. agradecer-lhe Felix da Cunha o ter sido eleito e por isto felicitá-lo, escreve-lhe a que attribua o êxito aos *nossos amigos, porque não sabe se algum dêles é ciumento e o ciúme é capaz de diabruras* (22 de fevereiro de 1861).

Mas a *política* torna às manobras escusas. . . Em 2 de março, assumido o poder o partido conservador, Caxias é o Presidente do Conselho. Os inimigos de Osório, desconhecendo o caráter de Caxias, tentam lançar contra êle a infame denúncia de que por fraqueza lastimável, faz-se veículo o Barão de Pôrto Alegre, dando-o de tramar contra a Pátria. É ainda reflexo da atitude de Osório na questão da *declaração militar* em apôio de Silva Ferraz. Não faz efeito. Caxias não lhe dá crédito. Osório, porém, tudo explica em termos claros e precisos. Magoara-se, porém, desta vez. Esconde quanto o procedimento de Marques de Souza, de quem é amigo, a cujo lado lutara na guerra farroupilha e sob cujas ordens servira de longa data e combatera em Caseros, havia ferido doentamente a sua sensibilidade. . . " . . . acaba-se a guerra, e logo contra os meus grandes inimigos a apregoar que sou anarquista, indisciplinado, etc., escreve êle ao Dr. Belo, que lhe transmitira a notificação, conforme o que lhe narrara Caxias, para que o fizesse". Depois, Osório prossegue: "O Barão de Pôrto Alegre foi imediatamente alistar-se nessa roda. . . Não me podia fazer ferida mais profunda. . . se o fato não chegasse a mim por letra de V. Excia, dêle a denuncia, porque a perversidade é demais".

Osório, porém, esmoreceu. Visando sempre a constituição definitiva do *partido liberal*, êle e Felix da Cunha tratam de obter maioria na Assembléa do Rio Grande do Sul, trabalho a que se dedicarão nas eleições próximas. Não mais agora bater-se-á nas eleições por seus inimigos conservadores, como o Dr. Belo. E nessas eleições terá que lutar não sômente a êstes mas também a facção chefiada pelo Barão de Pôrto Alegre, dissidente do partido liberal, a *progresista*.

No ano de 1862, aproveitando *liberais descontentes e conservadores*, depois da queda do Ministério Caxias, Zacarias de Góis, então conceloso, chefiava uma corrente politica que se constituiu sob a denominação — *progresista*.

Osório não aderiu a esse novo partido, no Governo, o que ia tornar árdua a nova disputa eleitoral, e tanto mais quanto elle e os demais liberais teriam de disputá-la em mais de um círculo para poder formar maioria na Assembléa Provincial. Um recurso de êxito com que contava era a judiciosa escolha dos candidatos. Por isso organiza sua chapa com desvêlo, procurando valores reais. É então que apparece no cenário politico a figura do fogoso tribuno Gaspar Silveira Martins que, mais tarde, turvado pelos seus successoes tribunicios e pela posição politica que adquire, a qual passou a attribuir somente ao seu valor, pretende usurpar de Osório a preponderância politica na Provincia. Cretura, revolta-se contra o creador. Gaspar foi de fato o único êrro politico de Osório, êrro que elle somente descobriu haver cometido no fim da vida, o que trouxe certo amargor aos seus últimos dias.

Cotegipe, o sagaz e intelligente baiano, e naturalmente também outros, assim o julga, ao que transparece da carta que escreve ao seu amigo Deschamp, provavelmente, na época em que Osório entrara para o Ministério. O fato de ser Cotegipe conservador, dá singular valor as suas expressões: Diz elle: "O Herval pensa bem a respeito da politica externa; assim pensasse elle sobre a interna, porque quem tem o seu nome não o estraga em questiúnculas de casa, em que sempre vem porcaria: elle *que se deixe de gaspares e outros* (o grifo é nosso) (1)

Seja como fôr, o fato é que os liberais foram formar a maioria da Assembléa Provincial de 1863, em que então tomou assento Silveira Martins.

Sua vitória era esplêndida. Todos viam nele o chefe incontestado do partido liberal que se mostrava forte. Não estava, porém, tinda a luta.

Realizavam-se também eleições para deputados gerais e os liberais com Osório a elas concorreram bastante fortes, com as chapas de candidatos que apresentavam nomes todos de boa significação, embora novos alguns dêles.

Ainda desta vez a vitória foi completa no primeiro turno, em todos os três círculos eleitorais da Provincia. Mas o êxito do segundo turno foi prejudicado por grave indisciplina partidária.

É o fato que, havendo um dos candidatos, Amaro José d'Avila Silveira, declarado desistir da eleição, foi substituído pelo Barão de Mauá, no competente Círculo.

Com isso não se conformaram os amigos de Amaro e insistiram por elle. Não havendo tempo bastante para consultas, apelam para a decisão de Osório e este resolve-se a favor de Mauá. Não se conformam ainda com isto os amigos de Amaro. Dá-se o pleito, os votos se dispersam e o partido é batido...

(1) — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Coleção Osório Livro 360 — Doc. 17.486.

Esta derrota, porém, mais ainda veio firmar o prestígio e sagacidade política de Osório, pois ficou provado que somente se deu pela disciplina partidária. O resultado foi exatamente o que elle predissera seus amigos ao adverti-los do erro em que incorriam.

O Barão de Mauá, a quem Osório apoiava, e que fôra eleito por também votarem governistas, a *máquina montada pelo Sr. Ferraz*, o dizia Osório, e que *se esforçava por destruir*, mais tarde recebeu censura de seus amigos liberais a quem abandonou.

Osório, porém, sempre generoso e comprensivo, perdoou-o. Comu-o naturalmente, sem o aniquilar. Ficou nas represálias mínimas sem atender à grita de seus correligionários.

Em carta que escreveu a seu filho Fernando, explica sua attitude, que disse ao Mauá, esclarece elle, é o que devia dizer. Não sou or, nem devia inculcar-me dispondo da opinião destes; não devia inconveniente para com os meus companheiros, nem desrespeitar deveres e direitos. Quem fala muito e sem pensar perde a matéria. O pobre Mauá é vítima das circunstâncias. O compromisso da sua comprometeu também sua fidelidade ao partido que o elegeu, m, o seu dinheiro e seus amigos privados operaram fortemente o triunfo do partido liberal desta Província. Pode-se abandonar mem mas não massacrá-lo. Na Côrte mesmo elle andarâ corrido eu ato e ainda acusado pela própria consciência". (2)

Nessa ocasião, conseqüentemente à constatação da evidência dêsse ígio, passam os seus adversários a procurar miná-lo constantemente ataques feitos pela imprensa. Então, pela primeira vez, trata rio de fundar um jornal para a defesa do partido. E o faz na cidade de Jaguarão.

Os sucessos políticos que acaba de obter deixam os homens do erno intranquillos. Para que o possam destruir, não há dúvida, é so retirá-lo da Província e elles o tentam mais uma vez. Nova de- dia de conivência com uruguaiois em detrimento dos interesses natis é dada contra elle. Osório, como sempre, desfaz facilmente as ações. Mas apesar disto é chamado à Côrte, em objeto de serviço, outra explicação. Para que usar subterfúgios?

Novo erro de seus adversários. Osório ao deixar o Comando da teira de Jaguarão para cumprir essa ordem recebe as mais signi- vas manifestações. Numerosos abaixo assinados, de officiaes, da idade, de proletários, lhe são entregues, subcrevendo as mais ex- ivas palavras de respeito, admiração e carinho.

Mais uma vez o Imperador, informado por Caxias, anula a ação guidora e Osório volta ainda mais prestigiado e prestigioso.

2) — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Coleção Osório — Lata 252 — Doc. 11.749.

Torna a recebê-lo Jaguarão com festas, banquetes e bailes e elle chega ainda a tempo de obter mais uma vitória eleitoral, nas eleições municipais, que então se realizam.

Aquí finda o que poderíamos chamar o primeiro ciclo da carreira politica de Osório.

NO INTERREGNO DA GUERRA

Em 1864, sobe ao poder o Gabinete organizado e presidido pelo Senador Furtado, acentuadamente liberal. E no entanto, no Rio Grande do Sul, este partido entra em declínio. É que viera a seguir a guerra do Paraguai e Osório, em campanha, não faz politica. Sofre as consequências dela, mas cumpre o seu dever, sem se importar com isto. Durante os largos cinco annos que dura esta terrivel luta, elle se abstém completamente dos partidos. Não atende a nenhuma das solicitações que lhe fazem. Fica surdo a tudo que não interessa ao trabalho directo, intenso para a victoria. *Servir à Pátria, quaesquer que sejam as mãos, em que tenha caído, é o seu lema.*

Elle cumpre o seu dever, que cada qual faça o mesmo. Soldado, não é juiz nem censor. Não erra porque os outros erram. Dá nessa oportunidade o exemplo mais magnifico em nossa história de uma sábia compreensão do dever patriótico.

Mas sua falta na politica é tão grande como nos campos de batalha. Nos pequenos interregnos da luta, quando vem repousar ou refazer-se, logo seus partidários, ovelhas sem pastor, se acercam d'elle.

Em agosto de 1866, quando vem à Província refazer-se em sua saúde que a guerra do Paraguai abalara, não se pôde furtar completamente ao apêlo dos seus amigos. Nessa oportunidade, em carta ao Coronel Oliveira Belo, define com segurança suas diretrizes: "Em nosso sistema de governo, nada pôde influir mais maléficamente do que a má escolha dos que devem representar o País, e nem de outra coisa têm provindo as difficuldades em que se tem visto a Corôa para a organização dos últimos ministérios. Sejam os muito escrupulosos nas eleições dos futuros deputados, e faça cada um de nós o que puder para colocar na Câmara os que sejam mais dignos de representar o País, defender os direitos e promover os interesses de nossa bella Província."

Não pôde, porém, reintegrar-se completamente nas actividades do seu partido porque a guerra, sem mesmo esperar que se restabeleça, vai reclamá-lo de novo. Não tarda Caxias a chamá-lo para incumbi-lo de organizar e levar-lhe ao campo de batalha o 3.º Corpo de Exercito.

Em 1869, vinha doente, ferido, e estava meio atônito ainda com as manifestações que lhe faziam, e que chegavam de toda parte, já a politica desamparada tanto tempo corria a pedir-lhe de novo a salvação.

Logo a 15 de fevereiro escreve-lhe o Conde de Pôrto Alegre: "Era demasiado sensível a ausência de V. Excia. quando a mão arbitrária poder levava de vencida as nossas melhores esperanças. Era bem mais temeroso não vê-lo em nosso país hastear o estandarte da liberdade e cidadania, em oposição aos férreos desígnios dos chamados conservadores, quando gastava os seus dias em concorrer para a liberdade de um povo estranho. O país oficial arremessou-se contra a opinião pública — a maioria nacional que era liberal, que se manifestava claramente, ficou sopitada, e tudo porque as violências e ameaças postas em seu nome puderam muito sobre a indecisão de um povo que, temeroso de perturbar a ordem, não quis resistir aos meios empregados pelos conservadores. Há, no entanto, um ponto de resistência moral, que creio pode salvar nossos brios — é o Centro Liberal e Diretórios, em que os bons liberais vão depositar suas esperanças e onde a união e o patriotismo comum dos grupos em que outrora nos vimos divididos podem achar o eco das suas aspirações e assegurar um melhor futuro ao País. Eu me congratulo com os nossos amigos pela chegada de V. Excia."

A significação deste documento é enorme. Estão lembrados os fatos de que o Conde de Pôrto Alegre havia — menos de uma dezena de anos, rompido com Osório. Chegara a hostilizá-lo de modo verdadeiramente inconsiderado. Agora estende-lhe a mão, propõe-lhe uma aliança, isto é, a reconstituição da unidade do partido liberal sob a chefia de Osório, naturalmente. E' o que se vai dar.

Não podia ser mais completa a vitória política de Osório em esta terra. O Conde de Porto Alegre faz esse gesto de grande nobreza, como que a se penitenciar dignamente do erro em que incorrera no passado. Mas sabia bem a quem se dirigia. Tinha certeza da elevação moral da resposta.

Sem demora, replica-lhe Osório, entre os sofrimentos de sua solidão: "Bem senti não compartilhar com V. Excia. da derrota que sofreram os liberais do Rio Grande, na eleição que se acaba de fazer; porém, serei companheiro na que se seguir. *Os cegos políticos retardam a prosperidade da Pátria, tarde abrem os olhos, e a opressão nem sempre deixa de produzir a reação do espírito.* Não disponho de meios intelectuais como V. Excia. e outros grandes brasileiros para com mais facilidade promover o bem da Pátria, mas, sobra-me vontade neste sentido para fazer o que puder. Confio em V. Excia., confio nos Diretórios do partido liberal, que devem assegurar a união do partido e a base de sua política para todo o Brasil."

E aí está uma reconciliação que vale um programa cuja idéia principal, o bem da Pátria, é sempre digna de ser seguida. E aí está também em toda sua grandeza a imensa força política imanente de Osório, lúcido, sensato, patriota, sincero, modesto, desambicioso...

Ai está também o começo de uma nova vida para o partido liberal...

Havia razões de sobra ao Conde de Porto Alegre para lastimar a cegueira política que era a atitude intolerante dos conservadores. Esse governo desconhecia o que o Brasil devia já a Osório, como o Imperador desconhecia antes o que devia a Marquês de Souza, preferindo a êle o famigerado Pedro Chaves, a quem fizera ainda Barão de Quaraim. Temia-o por certo, e tanto que, indo contra a *unânime aclamação dos povos*, que por fôda a parte berrava a glória de Osório, excluía-o da chapa senatorial. Que lhe importava os serviços que êste havia prestado? Que estava prestando na guerra de onde ia regressar gravemente doente e ferido?

Também pouco lhe importava a opinião pública. De fato, as eleições procedidas em 1869 tinham sido anuladas porque falecera o Dr. João Jacinto de Mendonça, que figurava em primeiro lugar na lista tríplice antes de ter sido feita a escolha pelo Imperador. Erar eleições para preenchimento da vaga de Pedro Chaves, que falecera três anos antes. Não o faria sem ter de quebrar resistências nem sem exercer inconsideradas violências, contra as quais o Conde de Porto Alegre procura reagir, reconciliando-se espontaneamente com o grande chefe liberal.

São fatos êstes explicitamente narrados por João Francisco Mená Barreto, quando de Uruguaiana, cuja Guarnição comandava, em 26 de dezembro de 1869, a Osório, por seu regresso à Província: "E' triste, tristissima a quadra por que estamos passando. Deí parte de doente e aguardo a todos os momentos a ordem para entregar o Comando da Fronteira; isto porque muito clara e positivamente respondi ao pedido que me mandou fazer o Sr. Presidente da Província (Delegado do Governo do Brasil, note-se bem) que não prestava o meu fraco concurso nas próximas eleições ao Governo pela injustiça que praticavo o mesmo Partido Conservador excluindo V. Excia. da chapa senatorial, e que em tais circunstâncias eu preferia a minha exoneração".

Essa atitude hostil do poder, tão inconsiderada que sugere a idéia de *revolta armada*, vai servir para mais acentuar a inteireza moral de Osório, a abnegação com que cuida da coisa pátria, se que em nada possam influir as ofensas que se lhe fazem, para modificação de sua conduta política. Terminada a guerra, está maduro para explosão a revolta que conta com fortes elementos para vencer se êle quiser chefia-la e só não se dá porque a isso não quer anuir.

No entanto, não terá tempo Osório, ainda desta vez, de atender plenamente ao chamado da política. Ferido, doente, *inválido*, tem de voltar aos campos de batalha. Ninguém admite que a guerra possa ser ganha sem êle, tanto mais que o Duque já lá não está...

DEPOIS DA VITÓRIA

Ao regressar, porém, definitivamente da campanha, ainda fe-
e doente, e mais agora com a alma enlutada pela morte da es-
com sua pequena fortuna particular descuidada e a educação
filhos a zelar, apesar de aspirar e precisar de longo tempo de
iso, não se poderá esquivar das lides políticas. Nem à Europa
inquerir. É o homem do campo, só aí sabe viver bem. Chamam-
Côrte para festejá-lo, ele deixa-se ficar. Para que festas? Quem
lita nos louvaminheiros e nos entusiasmos das multidões? Não
talvez contra alguém que o queriam jogar? Não. Ficaria no
o. Repartiria seu tempo entre Pelotas, onde está sua família,
estância do Arapeí, onde está a garantia do seu futuro

Sim, era bem esta a sua disposição. Não se conformam, porém,
isto, nem a glória que o procura por toda a parte e em toda
o segue, nem a política que precisa d'ele.

Agora não são apenas os liberais, seus velhos correligionários,
o procuram. Os republicanos, que se organizam em partido, e
bem por natureza um d'elles, talvez o mais *praticamente republi-*
entre todos, vêem nele, *embora com reservas*, o possível reali-
de suas esperanças.

Elles surgem com a força dos que desposam idéias novas. De-
olviam tal atividade que se tornaram temidos. Cotegipe, escre-
o a Deschamp, em 27 de março de 1873, chegou a dizer: "A
blica dizem que vai sair no dia 7 de abril... por medo". (3)

Silveira Martins, que andava tentado pelas novas idéias mas
não se sentia com forças de levantar vôo sozinho, várias vezes
alára na conveniência de fazer-lhe a República, desaconselhan-
porém, Osório, porque isto era ainda uma solução política
porânea.

Os republicanos do Rio inauguram o seu retrato na sala do seu
e o Dr. Henrique d'Avila, numa manifestação que é feita a
o em Jaguarão, convida-o abertamente, em inflamado discurso,
embainhar a gloriosa espada da República.

Osório, porém, é o chefe e não comandado. Não é daqueles que
rturbam com o troar dos canhões no campo de batalha nem com
rido das ovações nos entusiasmos da paz. Nem é dos que se per-
m com a lisonja. Desaconselha a mudança política que Silveira
insinúa, aceita sem medo de se comprometer as homenagens
republicanos do Rio, mas ao ataque direto e franco do Dr. d'Avila
nde incisivo é claro, mesmo magnífico, sem um tremor de voz,

3) — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Lata 360 — Doc.
17.487.

sem vislumbre de excitação alguma, na lógica da sua elevada compreensão do papel da política e dos políticos.

"A República ainda não é uma idéia triunfante na opinião nacional. A espada que desembainhasse agora, tentaria uma imposição. A que cinjo é para combater os inimigos dela e não para tiranizá-la"

Osório tinha respeito à opinião pública!...

Assistia razão a Martinho de Campos em admirar nele mais o político do que o militar!... Para consagrá-lo como político, à altura dos maiores que houve, seria necessário mais?

Esse gesto de Osório tem significação tanto maior quanto não é a repulsa de uma sedução isolada num recanto da fronteira do Brasil. O Conde de Porto Alegre também havia sido tentado e, em seu turno, tentara seduzi-lo, pelo que a empresa torna-se-lhe extremamente fácil para ambos, com o enorme prestígio civil e notadamente militar que desfrutavam.

De resto, Osório continuava a dizer aos que lhe falavam nestes assuntos que a *coisa havia de vir*, que ninguém se affigisse. Os hábitos, a mentalidade e as vaidadezinhas do Imperador; o trabalho dos monarchistas tornando-o antipático e desmoralizando-o; a descrença e a desconfiança do povo pela má execução das leis; os abusos sem repressão; e o ambiente americano, tornavam, na sua opinião, a república uma fatalidade. Tudo facilitava a propaganda, dizia ele, porque "as idéias são como as epidemias: alastram. A coisa há de vir e só o que desejo é que venha oportunamente".

Prossegue, pois, a trabalhar pela Pátria no ambiente político fiel a suas idéias liberais, isto é, ao trabalho do seu partido para elevar o nível da capacidade política nacional, cujo meio vê principalmente repousar na escolha de dignos representantes do povo.

O comportamento de Osório depois da guerra do Paraguai, quando ninguém mais lhe disputa a primazia, sem um ódio, sem um só reivindicção a fazer, quando já as pazes feitas com o Conde de Porto Alegre, este o chama em 1871 de "cidadão mais prestigioso do Brasil, e particularmente desta Província, que teve a fortuna de o ver nascer" e declara que a ele "compete principalmente dizer-nos o que a tal respeito convém fazer", difficilmente pode ser julgado em todo o seu valor.

Nessa mesma época as urnas confirmam a sua autoridade imensa e o mesmo Conde de Porto Alegre torna a escrever-lhe, "para felicitá-lo pelo brilhante triunfo que acaba de obter o partido liberal desta Província nas eleições, o qual não se teria conseguido se não fossem os grandes esforços empregados por V. Excia. e o grande prestígio de seu glorioso nome". (4)

(4) — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Lata 264 — Documento 13.618.

Por tanto, nessa época (31 de março de 1872), Osório escrevia ao amigo Tenente Menezes: "Tenho tédio de falar em política". Por que esse tédio num chefe que está no auge do prestígio? Talvez não-lo possam explicar os fatos das eleições que se deram na Província em 1872.

No dia 21 — escreve-lhe o Barão de Ijuí, a 25 de agosto, de Uruguaiana, — achava-se desde antes de 9 horas da manhã, no corpo da Matriz, grande número de cidadãos, bem como os mesários de Rio de Janeiro e Barcelos, mas até 11 horas ainda não tinham comparecido Figueiredo e os mesários Vitor e Caripuna. Convocados então três vezes consecutivas pelos mesários presentes Benício e os outros a fim de que viessem continuar os trabalhos, ou, se não queriam esclarecer e mandassem as chaves da urna, responderam que não tinham as chaves e que não queriam ser consultado ao Exmo. Sr. Presidente". Depois relata as providências tomadas pelo Juiz de Paz, a recomposição da mesa, abertura da urna, etc. etc., termina, depois de dizer que a vitória liberal foi completa e que, por prevenção, é que relata tudo minuciosamente: — "o Juiz Figueiredo e os mesários Vitor e Caripuna declararam oficialmente ao Exmo. Sr. Presidente da Província de quem não houve a solução".

Estes fatos vão motivar processo contra o Barão de Ijuí, que mais tarde será acusado até de assassinato...

Os conservadores no poder não podiam admitir derrota nas eleições. Aqui está um outro exemplo:

Em Sant'Ana escreve, em 1872, a Osório, seu irmão Pedro:

O Chico Tavares conversando com o Carvalho disse-lhe que estava preparado e bem disposto para você desta vez ir à lama, mas não queria ver de ser derrotado ainda que para isso fôsse preciso empregar meios, tão certo que era fruta colhida. Parece-me que deu a entender a recomendação da Côrte. Isto ouviu um amigo nosso de toda a certeza que estava escrevendo em uma sala imediata e me contou tudo e avisar"... "O Carvalho respondeu que era imprudente esse procedimento, que não deviam provocar um homem como você de serviços e prestígio". etc.

Por que não tinha razão Osório em ter tédio da política?...

Por que era ele diferente dos demais políticos não resta dúvida. Mas ao dizer que não desamparava os seus amigos na desgraça. O caso do processo contra o Barão de Ijuí, acusado por crimes que não foram contra a Uruguaiana, mas cuja responsabilidade lhe é atribuída pela sua conduta política, é digno de ser assinalado.

Por que não ajudou Osório o primeiro a socorrê-lo e jamais o desamparou, ajudando-o nas despesas de sua defesa embora não tivesse fartura de recursos. Foi ele quem incitou os correligionários de recursos a irem

em ajuda a do Barão. Mortificava-se tanto com o corrido que escreveu em 1876 a seu filho Fernando: "Ficura-te o meu desgosto vendo uma matilha de cães, mordendo-o desapidadamente".

Desde seu regresso do Paraguai até 1877 permanece na sua Província. Não fica politicamente inativo. Não o deixam tranquilo os seus amigos: "Querem — escreve de Sant'Ana à sua filha D. Manuela, em 5 de junho de 1876 — que eu vá a tôda parte, mesmo doente que gastar o que não tenho. De Uruguaiana gritam por mim; o Alegre faz o mesmo; Sant'Ana está à matroca; Bagé e Jaguarão, Arroio Grande, Pelotas, também me querem ali. Diz-me como hei de estar em tôda parte e em tôda parte dispendendo? Sem embargo faré o que puder e o que não puder ficará por fazer".

A questão das despesas não era desprezível para quem tinha poucos haveres. A referência anteriormente feita ao Barão de Macdonell denuncia já quanto o poder despender nas eleições era coeficiente de vital importância. Concretizemos os fatos.

Na lata 264, da Coleção Osório, do arquivo dêste Instituto, encontra-se o documento 13.710, que nos ilumina a respeito. Trata-se de uma carta dirigida a Osório, por um cabo eleitoral, Antonio Joaquim Calor, prestando contas das despesas por êle feitas com a eleição de 1.º de setembro de 1877. A relação dos gastos soma 1:216\$000, e êstes se fizeram com chapéus, botas, calçado, roupa, homens de recado (próprios), etc. O mais curioso é, porém, o que se entende com a compra de eleitores: 32\$000 pagos à *mulher do Talaver* para fazer o mesmo ir à eleição (sic); 96\$000, 100\$000, 128\$000 até 200\$000 para compra de votos conservadores.

Nesse ano, 1877, Osório vem ao Rio de Janeiro para assentar no Senado, por ter sido nomeado a 11 de janeiro Senador do Império pela Princesa Izabel, que ocupa o trono enquanto o Imperador via pelos Estados Unidos, na vaga de Fernandes Braga, que faleceu em 2 de fevereiro de 1875. Osório figurava na lista triplíce em segundo lugar, em virtude da eleição procedida no ano seguinte.

NO APOGEU

Começa então a última fase da vida política de Osório, quando deixa a sua Província, o ambiente de suas campinas do sul, onde sempre se projetava protetoramente sobre o Brasil inteiro, alimentando os corações patriotas as mais vivas esperanças, nunca mais volta, se que voltar se fizesse sua aspiração maior, quando alçado à alta dignidade de Ministro do Império. A população do Rio e das Províncias do norte, que êle não tardará a visitar, não mais para inspecionar a valaria, mas para vêr os filhos que estudam em Recife, nesse ano de 1877, se alvoroçam tôdas num frenesi de aclamações entusiásticas.

recebê-lo. Todos querem vêr o homem de quem se contam coisas extraordinárias que até parecem fantásticas. E, fato a notar, Osório do Rio, vai ao Norte, é recebido com festas nunca vistas, mas não em seus gestos, em suas atitudes, nas suas palavras, nenhum ar. Não decepcionou ninguém.

Certamente são os chefes políticos liberais que assumem a liderança dos festejos, mas é de fato o povo quem os faz. O Governo, que o governador, o Gabinete Caxias, não comparece a recebê-lo. Procura diminuir o vulto da razão de ser dos festejos na sua imprensa, mas nesses festejos os simples conservadores também se misturam ao povo e não ficam ausentes...

De tanto entusiasmo, que resultará? Indagam inquietos os chefes conservadores, não obstante saberem quem é Osório, como pensa e procede.

Lotegipe, em 27 de abril de 1877, escreve a Deschamp: "Amamos grandes festas para recebimento do herói riograndense. Não sabe que os políticos são os promotores da tardia demonstração. Já espada de caudilho? Veremos em que isto dá! Mediremos o tamanho tão grande estatura..." (5)

O resultado, em que isto deu, foi o fortalecimento do partido liberal e a sua ascensão em breve ao poder.

As atividades de Osório, como Senador, foram marcadas pelo interesse que tomou pelas questões concernentes à melhoria da situação militares e de suas famílias, pela tenaz defesa que fez de interesses de sua província, de que ela carecia, e pela objetividade com que tratou as questões da defesa militar do País. Houve também a ausência das questões agitadas no Senado sobre a guerra do Paraguai, conseqüentemente aos complementos que em defesa dos interesses públicos teve que levantar.

Nessa situação, porém, agiu pouco tempo. O regresso do Império de sua viagem aos Estados Unidos, importou na queda do partido conservador, e no tratamento ingrato que recebeu Caxias.

Em 1878, a situação política exigia como ponto capital da reforma a efetuar-se uma nova lei eleitoral que pusesse término ao sistema dos turnos. Este provara mal. As eleições não davam às Câmaras verdadeira representação nacional. Os Delegados do partido no Parlamento isto é, os presidentes das províncias, eram os verdadeiros eleitores cujas armas eram a violência e a fraude. A situação era tal que os brasileiros gritavam: *reforma ou revolução!*

Então governava o partido conservador com o Gabinete chefiado por Caxias, apoiado por grande maioria das Câmaras. Caxias, porém,

sentia-se velho e doente. Desde que o Imperador regressou de sua viagem aos Estados Unidos, donde veio naturalmente influenciado ainda mais pelas idéias democráticas, pede para ser substituído, para deixar o Governo. O Imperador exige então, a saída dos outros Ministros, daí resulta a queda do partido conservador.

Chamado Sinimbu para formar o Gabinete, faz questão que faça parte Osório "em pleno fastígio de sua glória militar, o maior chefe liberal do Rio Grande do Sul". (6) ao qual foi dada a pasta da Guerra. Na fazenda ficava, ao que parece por sugestão de Osório outro riograndense, Gaspar Silveira Martins. Não fôra esta escolha tão feliz como a primeira.

Osório vai decepcionar-se fortemente. Silveira Martins não merecia a confiança que tanto nele depositara "o legendário".

Cotegipe, com sua sagacidade e não obstante seu horror às coisas políticas, denuncia na carta a seu amigo Deschamp, anteriormente referida, quanto apreciava Osório e lhe repugnava a ascensão de Gaspar: "O Herval pensa bem a respeito de política externa, assim pensasse elle sobre a interna, porque quem tem o seu nome estraga em questões em que sempre vem porcaria: elle se deixe de gaspares e outros..."

Cotegipe via certo.

Saraiva recebe a nomeação de Osório com seus "cordiais cumprimentos por sua entrada para o Ministério. É um novo serviço que diz elle em 10 de fevereiro de 1.878 — que o País lhe pede e uma boa prova que V. Excia. vai dar de seu patriotismo para os negócios. Estou persuadido de que havemos de aplaudir o Marquês do Herval como Ministro, como aplaudimos o General de nosso Exército, no Paraguai."

De fato, no sacrifício real que fazia Osório, cuja natureza só amoldava bem à das livres campinas do sul, não deixaria Saraiva de ter o que admirar no Ministro.

Nem poderia deixar de aplaudir um chefe político, um Senador e Ministro cuja norma de conduta é a lealdade, o destemor, a firmeza, o amor à verdade, o trabalho sincero pelo bem da Pátria, a compreensão sã dos interesses públicos. Como deixar de aplaudir o Ministro e político que sabe fazer justiça até aos seus adversários?

No Senado, Osório ousa dizer que não atribui a este ou aquillo o partido o descalabro que vai pelo Império e sim à fatalidade das nossas circunstâncias. Defende até, sem olhar a quem, o cavalo de batalha que era a responsabilização pela guerra do Paraguai, com palavras dignas de meditação. "Mais uma vez, diz elle em sessão de 15 de dezembro de 1.879, Sr. Presidente, tenho ouvido acusar a um dos partidos políticos pela guerra que tivemos com o Paraguai. É uma cousa séria em que talvez não seja eu o mais habilitado para tratar delacê entã a

(6) — O Visconde de Sinimbu — Craveiro da Costa.

direi que é minha crença que se o Brasil não levasse a guerra, ao Paraguai, para encontrar os inimigos da Pátria fora do nosso território, a guerra ter-nos-ia custado muito maiores desgraças, porque o inimigo preparava-se e já tinha as suas avançadas sobre as nossas terras”.

As atitudes agressivas de Silveira Martins no Parlamento, sua falta de interesse pela finança, sua falta de senso político, em suma, não tardam a provocar uma crise no Gabinete e em provocar uma dissidência nos membros. Não podendo Silveira Martins governar a política do Gabinete, resolve-se de súbito, e quer que Osório o siga como se ele fora a maior autoridade liberal do Rio Grande.

Logo depois, Silveira Martins foi logo mostrando, desde sua chegada ao Rio Grande de Janeiro em 1877, quanta razão assistia a Cotegipe, na referência citada. A bordo do mesmo, separa-se de Osório, para seguir a frente da gente como se o que chamava sua gente fosse a força política que o fizera. Olvidava o que devia a Osório. Esquecia-se de que foi eleito a insistência deste fora eleito, como se vê da carta que escreve ao Dr. Pio Ângelo da Silva, em 9 de agosto de 1876, referindo-se à estância no Arapeí. Para as eleições que se realizaram naquele ano, Osório foi eleito para a lista tríplice de Senador e Gaspar de Matos deputado Geral, diz aquêle ao Dr. Pio que recomendara a indicação de Gaspar nas chapas liberais de Senador e Deputado, para o modo algum “fique excluído da representação nacional, o que seria uma derrota para o partido liberal”.

Silveira Martins, conhecendo que o problema político que seu Gabinete resolver era a reforma eleitoral, cuja necessidade era reclamada com veemente insistência por seu partido e a opinião geral, de muitos conservadores, trata de obtê-la, procedendo de modo a evitar pretextos à animosidade do Senado, cuja maioria era conservadora. Silveira Martins, cuja situação é insustentável, pede a aprovação disto. Quer impor outras reformas no projeto da lei elaborado pelo Governo, sobre imigração, rejeitada por nada mais do que o caso, com que ele se conforma, e sobre a elegibilidade dos católicos para a Câmara dos Deputados, com o que não se conforma. Não era Silveira Martins infenso à reforma, mas adotá-la seria expor-se a vê-la repelida pelo Senado, o que não quer correr.

Como não sendo atendido, portanto, Silveira Martins demite-se. Mas quer que Osório o acompanhe. Este nega-se a isto. Sua saída enfraquece o Gabinete e assim talvez viesse a dar com o partido liberal em uma situação difícil.

Despeitado, Silveira Martins parte para o Rio Grande e procura combater contra ele, a procurar minar seu prestígio, sem olhar para os meios. Mais tarde confessa-se arrependido.

Craveiro da Costa, em seu estudo sobre o Visconde de Sinimbu, regista assim estes fatos: "Retirado do Governo, diz êle, Silveira Martins não se limitou a uma opposição discreta ao Gabinete de que zera parte. Essa discreção era, aliás, incompatível com o seu temperamento combativo e rispido. Opondo-se às restrições governamentais o fogoso tribuno excedeu-se na campanha, creando ao Gabinete, tenazmente gterreado pelos conservadores, uma gravíssima situação de dificuldades, pois o Ministério passou a ter contra si, além dos seus naturais adversários, os conservadores e os republicanos, alguns berais. Para Silveira Martins não havia meio termo. O próprio Osório, com a sua imensa glória e a sua projeção sobre todo o Brasil a quem Rui Barbosa considerava o *primus inter pares* do partido liberal, porque recusou acompanhá-lo no rompimento com o Gabinete, em junho de 1880, na Câmara, teve o seu nome exposto em continências oratórias do tribuno", "comparado a Pausânias, o clássico da traição". E Alberto de Faria, em seu "Mauá", acrescenta: "Debalde se poderia objectar que dos membros do Ministério o Barão de Vila Bela fôra solidário com Silveira Martins e na Câmara unânime, só um Deputado, o Dr. Galdino Neves, ficou em opposição ao Ministério de que se apartava".

Os amigos de Osório instam para que rompa com êle, para o guerreie, mas o velho politico quer evitar a todo custo a dissidência e passa por cima da ingratição. O Ministério Sinimbu adopta como ponto principal de seu programa a reforma eleitoral e a reconstituição financeira. Si a primeira questão não causava embaraços ao espirito compreensivo e tolerante de Osório, antítese perfeita de Silveira Martins, o mesmo não se dava com a segunda.

Além da carta politica que Osório escreveu ao Barão de Foz de Iguaçu sobre a sua attitude no caso da dissidência de Gaspar, cujos termos mereceram daquelle a mais completa approvação, há duas outras intimas e ainda não divulgadas que mais ainda esclarecem o assunto e onde se vê a alma de Osório. São estas escritas à sua filha Manoela em 2 e em 24 de abril de 1879, abrangendo o início do termo da crise.

Ei-las:

Na primeira, diz Osório: "Tenho andado muito vexado com o que se tem dado com o nosso Gaspar. As vezes me parece que sou destempêro daquela cabeça e que fica capaz de comprometer a causa e o pior é que o Florêncio e o Camargo quererão tirar partido pregando inverdades, já iludindo os incautos, torcendo os fatos e atirando as culpas a quem nem conselhos deu. Ora! a nossa posição de todo o Ministério, era por si difficil porque as finanças do Brasil são péssimas e entramos fazendo guerra aos esbanjamentos que tomam grande número forma por isso muitos inimigos, que mais se exan-

dos insultos do Gaspar, que até tratou mal à Câmara aonde ouviu
s terríveis. O Senado todo se tornou seu inimigo além de con-
política. E como no Senado e nos altos tribunais está a força
onservadores, todos os contrários para lá penderam. Gaspar
-se em sitio projetou a retirada e para sair bem fingiu querer
a idéia que era e é a do Ministério e do partido, porém que não
emos fazer passar no Senado, onde a maioria nos é contrária
a empiorar nos declarou o Gaspar na Câmara que se devia aca-
om a vitaliciedade do Senado. O Senado com receio que a cons-
te trouxesse esta idéia não quer votar a constituinte! Aqui está
nem sem esperanças procurando motivo para a saída na reforma
osa que vale o mesmo que excitarmos a guerra com toda a Igreja
quando o nosso país está a braços com a miséria e a fome!
e que ele queria que eu sáisse como sua bagagem. Fiquei calado,
n os seus agentes foram para aí promover desunião que nos
ser de um mau futuro para a província e o partido logo que os
rvadores voltem ao poder se não antes eu não escrevi a ninguém,
a a primeira carta que escrevo para satisfazer a tua ansiedade.
me tenho desgostado porque em (data ilegível) eu queria re-
me e ele pediu que não sáisse. Depois fiquei comprometido e
as minhas noras em casa doentes até hoje. A Corte nunca recebeu
dois Ministros do Rio Grande e se eu também sáisse a crêr no
me diziam tinha caído o ministério e talvez o partido pela desu-
que se manifestou. Seja como fôr, agora ficarei muito alegre o
m que puder ganhar o meu Arapeí sem pena! desta vida desas-
a que me tem sujeitado a idéia de fazer ou cooperar para algum
ão Rio Grande que pode ser ingrato como quiser mas descancarei
minha consciência como sempre. Não quero que se divulgue o que
go para não dar prazer aos inimigos cujo fim é desprestigiar-me".

Na segunda, transborda o seu desgosto:

"Estou próximos aos 71 anos... Ando muito cansado da política
aso que não me convém questionar com os moços que querem co-
lar; por outro lado não sei o que pensam os nossos velhos amigos
no a cruzada; tem o fim principal de mudança de chefe e eu não
ambicioso de mando e o meu partido já não precisa de mim não
tirei e não desertarei: — sou reformado por velho e por ter três
s cultivando as letras!

Talvez eu não possa ser generoso com os ingratos, porém não re-
ainda apesar de ter na mão os meios de pô-los de patas
r, porém a minha honra e a minha província, o patriotismo foram
ore aquelas o meu idolo e êste o meu guia sem exclusões de sacri-
s. Quando me recolher à Província então, resolverei.

Muito te agradaria ler esta história das desinteligências bem fingidas com que o nosso amigo saltou fora do perigo em que se viu porém fica para quando nos vejamos saberes. Depois que Martins saiu do Ministério ainda em casa d'êles estivemos em combinação para o serviço da Província e como êle não cá mais veio também eu não vou lá. Desde que fundamos neste pôrto da Côrte já fiquei desapontado e esperando que apparecessem os nossos colegas ministros reunidos em uma lancha a vapor nos foram receber a bordo e convidar-nos para desembarcar e o Martins depois de receber os cumprimentos dos colegas deixou-nos a bordo e?..... em outras companhias dizendo-me eu vou cá com a minha gente que é onde está a minha força

Calcula o que produziria?..... e surpresa. No decorrer dos acontecimentos cheguei a temer que o meu caro e bem caro amigo estava sofrendo de acessos mentais. Pois bem, ainda há pouco fiz Major da Guarda Nacional o irmão do Martins! O que eu desejo saber quem são meus amigos que me fazem justiça e quem se tornou meu inimigo por eu não fazer o papel de mobilia de um louco e malcriado etc."

CONCLUSÃO

Não teríamos uma idéia justa do Osório politico se não referissemos aqui algo de anecdotário respectivo.

Diremos apenas algo que nos habilite a ver seu modo de proceder e aomesmo tempo mais nos explique a razão de sua força.

Sua simplicidade, sua franqueza, seu destemor, a ausência de artificios e pequeninos procedimentos, ao par da viveza do espirito e do seu *natural chiste*, ai se revelam.

Conta-se que Osório costumava, em suas excursões eleitorais hospedar-se, na cidade do Rio Grande e em Sant'Ana do Livramento em casa de amigos e compadres que eram conservadores. Ai ditava em voz alta suas cartas e não raro fazia o filho de um d'êles, seu afilhado, escrevê-las...

Indo visitar um eleitor, em Pelotas, que sabia vender seu voto, tratou de catequizá-lo. Este mostrou-se esquivo, mas Osório, dando-lhe como differença essencial entre os ideais *conservadores e liberais*, propugnarem êstes para que se fizessem muitas eleições por ano, enquanto que os outros não queriam mais de uma, conquistou-o para os liberais...

Depois de haver organizado *uma chapa eleitoral*, sem ter consultado um chefe amigo importante, aliás personalidade muito conhecida na Monarquia e cujos descendentes tem occupado posições de destaque na República, êste estomagou-se. Decidiu e annunciou ir tomar satisfações a Osório.

Veste uma roupa de côr, que lembra uma pele de cobra, e vai à casa de Osório em Pelotas. Bate à porta e entra, formalizado e solene.

Mas, Osório, que está meio acamado, o vê e antes que diga qual-
cousa grita-lhe de longe:

— *Entre seu jararaca!*...

Com tal golpe desarmou o contendor. Depois, não obstante, este
sua reclamação.

Osório ouve-o e pergunta-lhe:

— Está bem, quais são os teus candidatos?

O nosso amigo, estomagado, não tinha pensado nisto...

Quando os amigos de ambos o interpelaram sobre o resultado da
revista, ele diz meio melancolicamente: Qual! quem pode com
ele homem!... Foi logo gritando entre seu jararaca! Etc.

Administrar uma pasta sem recursos financeiros e isto numa época
que as instituições militares e os armamentos no mundo inteiro
faziam grandes progressos, era empresa muito difícil. No entanto,
graças à sua viva inteligência e a sua grande atividade, vai vencendo.
Ele empreender reformas úteis e possíveis, fazer melhoramentos de
grande importância, durante o pouco tempo em que exerce o cargo,
que se afastou quando se lhe extinguiu a vida.

Ao par dos serviços políticos consideráveis que prestou, man-
dando-se fiel à Monarquia e às idéias liberais, tombava num posto
avariado, em plena atividade, pugnando e mantendo a coesão de seu
partido, em trabalho ativo e modesto, mas eficiente, pelo bem do
Brasil. Não houve, jamais, declínio em sua carreira e isto nos faz supor
que o futuro lhe assegurava talvez, por suas qualidades e pela aceita-
ção que tinha em todos e em todo o País, a direção suprema da poli-
tica nacional. Nesta direção não era a marcha dos acontecimentos?

Calógeras sintetiza a carreira política de Osório em termos cheios
de verdade, na conferência que vem colecionada em Res Nostra:

“Tornou-se o remodelador e o chefe do partido liberal do Rio
Grande do Sul; era mesmo ouvido, no Rio, pelos maiores desse agru-
pamento partidário. E, entretanto, não era um homem de Estado;
suas posições políticas, para as quais não sentia pendor, e antes manifes-
tava com insistência, antipatia e dissídio, vieram-lhe como consequên-
cia da imensa popularidade e do entusiástico prestígio grangeados
no soldado”.

Não ambicionou na verdade as posições políticas de representa-
ção que as circunstâncias o forçaram a aceitar. Esse homem que inú-
meras vezes regeitou os cargos que seus amigos instavam para que
aceitasse, teve como maior aspiração, como Ministro, o poder deixar
de sê-lo: “Me parecerá um sonho, dizia a seu amigo Paula Assunção,
quando dizia em que deixar a pasta! Indo para minha terra e olhando a estei-
do do barco, ainda me parecerá que a levo a reboque”!

A modéstia, a desambição, o saber e o patriotismo foram o grande
segredo dos seus sucessos!...